



ENTRE
LINHAS
COTIDIANO

Odette de Barros Mott

O 9º ano C

Ilustrações: Cássio Lima

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior e Lilian Semenichin (coords.)

Célia Regina do N. Camargo/Renato A. Colombo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Diagramação • Setup Bureau Editoração Eletrônica S/C Ltda.

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Leandro dos Santos Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mott, Odette de Barros

O 9º ano C / Odette de Barros Mott; ilustrações Cássio Lima. — São Paulo : Atual, 2004. — (Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1336-7

1. Literatura infantojuvenil I. Lima, Cássio.
II. Título. III. Série.

04-0224

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Odette de Barros Mott, 1976.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

29ª edição / 4ª tiragem

2019

1



- Oi, turma!
- Você está queimadinha.
- Parece cocada baiana.
- Conta logo, você gostou da Bahia?
- Se gostei, gamei à primeira vista.
- Eu não disse, Gaby, que ela ia gostar muito?
- Pois acertou, Márcia, adorei.
- Tami, você foi ao Mercado Modelo?
- Circulei por lá tudo, meu pai arranhou guia.
- Linda a minha terra, não tem quem não goste dela.
- E você, Marcelo? Também tá queimado, parece mulato!
- É moda, não é? O Guarujá estava o fino! Nunca foi tão bom.

Começo de aulas. Os colegas do 8º ano se encontram, depois das férias. Divertiram-se muito, férias são para descanso de quem se matou tanto nos estudos até ter média para passar de ano! A cuca quase fundindo.

– Olá, Danilo! Você bancou o bobo, hein? Ficar naquela recuperação... Eu não, quando vejo que estou na beira do precipício, dou uma de estudiosa.

- É, marquei ponto, noutra não caio.
- Pior o Júlio, que ficou em duas matérias no último bimestre... Também ele abusou, faltou, não estudou!
- Coitado, a gente tá tão acostumada com a turma! Viemos juntos do ensino fundamental I, seria uma pena se Júlio tivesse ficado.
- Quem ia sentir era eu. Imagine só, estivemos juntos no Jardim de uma escolinha lá perto de casa. Depois fizemos o fundamental I, cansei de falar que ele podia se estrepar, cansei!
- Vocês sabiam que neste ano a gente vai ter aula com o Zerô?
- Não brinca!
- Sério, mas o Luís, meu primo do colegial, falou que o Zerô é justo, com ele ninguém brinca não, ele ensina, se interessa, o aluno com ele é gente, não é número não.
- Bacana!
- Assim dá gosto. Mas tem cada professor, nem te conto.
- É, tem cada aluno também, não?
- Este ano vou deixar de ser palhaço, não dá certo, não. A turma se diverte, mas na hora quem geme sou eu.
- É, Danilo, já é tempo. Viver sempre na brincadeira não dá pé. Também vou dar um jeito de mudar.
- Vocês têm assistido televisão?
- Que novela?
- Essas que andam por aí, vocês não acham que estão fazendo a gente de trouxa?
- Por quê?
- Por quê? Você ainda pergunta? Sabe, num só capítulo da *Meu doce de coco* resolveram cinco problemas, até uma que não existia apareceu não sei de onde, somente para um outro não ficar sem par. Pô, assim também não dá pé, isso é demais.
- Gosto de futebol. Não tenho paciência pra novelas.
- E os filmes de banguê-banguê? Quantos índios morrem de uma só vez? Já estão abusando um pouco, vocês não acham?
- Eu não tou nessa, acho a televisão o maior invento do mundo, morro por uma novela, sei o nome de todos os atores, dos diretores, dos...

- Oi gente, como foram de férias?
- Quem vai mal de férias, quem?
- Vocês leram os livros recomendados pela Expressinho? Ela recomendou como leitura de férias.
- Quais? Ela vai dar nota?
- Sim, quem leu já começa com o horóscopo positivo.
- Que livro?
- Pô, você logo no primeiro dia nem sabe quais livros foram recomendados?
- Ué, que eu saiba, no primeiro dia de aula a gente vem tomar contato com os professores, com os colegas, ver as caras novas, selecionar.
- Cara nova? Dá só uma olhadinha lá no bar. A Cecília está uma gata.
- Prêmio de beleza?
- Se... Deixa longe qualquer uma.
- Se é assim, vamos tomar uma Coca?
- Você paga?
- Logo no primeiro dia?
- Tou liso, gastei muito nas férias. Já devo duas mesadas pra velha.
- Quem?
- Minha mãe, e ela não perdoa; deve, paga. Disse que é pra educar.
- A minha também. Então é sistema das coroas, né?
- Deve ser.
- Vocês aí, como foram de férias?
- Cada um faz o que pode... Eu fui bem. E você, Márcia, por onde andou?
- Em Jundiaí, na casa de minha avó.
- Jundiaí? Isso ainda existe?
- Virou estação de águas?
- Tem praia?
- Não, é uma cidade do interior, lá parece que a vida é mais fácil.
- É, pros coroas... Pra mim, movimento: praia, Rio, Guarujá!
- Isso quando meu pai ganhar na loteria, porque em casa somos muitos, ele é bancário e se eu quero sair vou pra casa da minha avó. Pra falar a verdade, até que gosto, minhas primas moram lá.

- Sabe, Miua, aquele nosso colega do 6º ano, o Cris?
- Sei. Que tem ele?
- Ele voltou. Fez o 8º ano num colégio de Sorocaba, o pai é diretor da escola, e... olhe ele lá.
- Um gato, pô! As meninas vão dar em cima dele...
- E o Jopa?
- É o mais bacana.
- Pra mim ainda é o Júlio.
- O Jopa é um gato por dentro e por fora...
- O Júlio também, só que o plá é outro: esportes. Nem todos dão pra gênio, não é?
- É.
- A gente fala mal da escola, dos professores, mas a gente fala por falar. Que é gostoso estar aqui, é. Sinto falta da nossa turminha nas férias.
- Eu também.
- Como as meninas estão uma uva! Você viu a Márcia?
- E a Gaby? Cresceu.
- Só a Miua que não emagrece... Pena, porque é bonitinha. Tem os olhos lindos!
- Ela come muito...
- E, na turminha das meninas, já organizada dos anos anteriores, falavam dos meninos.
- Você viu o Danilo?
- Cresceu, não?
- E o Pedro?
- Esse não cresce muito, é baixo mesmo, ele precisa tomar vitaminas.
- Vitamina faz crescer? Qual delas é a infame?
- Deram risada. Tami era alta para sua idade.
- Meninas, nem conto pra vocês... Nas férias encontrei um gato, mais que o Jopa.
- O João Paulo – Jopa – é a admiração suma da Gabriela.
- Mesmo? Não acredito.
- Posso jurar. Moreno, queimado, cabelos crespos, olhos verdes.

- Onde está esse “mister mundo”?
 - Em Itanhaém, na praia. É salva-vidas.
 - Logo vi, você sempre gostou do tipo moreno.
 - Veja só, olhe quem está esperando nenê.
 - Quem?
 - A Expressinho.
 - É mesmo...
 - Ela está engraçadinha com essa bata.
 - “La belle mamã”!
 - Vocês viram o Cardosinho?
 - Quem?
 - O professor de Português. Ela fala assim porque a Márcia vive gamada por ele.
 - Ele sabe?
 - Deus me livre e guarde!
 - Pô, então você pensa que ele é bobo, não lê nos seus olhares?
 - Juro, ele não sabe nada, nessa hora ele é analfabeto, me dá sempre 3, 4, briga comigo, diz que não estudo.
 - Também, na aula dele você fica escrevendo versos, recadinhos.
 - E ele?
 - Ora, nem sabia que era pra ele. Eu escrevia – meu pão, para meu único – e ele pensava que era para um colega. Um dia me chamou, deu a bronca, disse que o verso era de pé, perna, sei lá o quê, quebrado.
- Berrémmm...*
- Essa peste de campainha não enguiçou ainda?
 - Não quebra nem enguiça, é eterna, só se jogarmos bomba nela.
 - Escutem aqui, por que vocês vêm na escola se não querem estudar? Mal a campainha dá o sinal já reclamam da pobre.
 - Que você tem com isso, Tami? É advogada dos pais, dos professores?
 - Nada, né? É só pra me informar, ter a certeza de que ouvi bem a respeito da bomba.
 - Ouviu sim, e eu ajudo.
 - Bem, enquanto isso não acontece, a tal não explode e é eterna, o negócio é entrar.

– Que fazer? Vou me benzer, pôr o pé direito e fazer figa.

– Tudo isso?

– Sempre é bom a gente ser prevenida.

– Silêncio! Não ouviram o sinal?

– Ouvi sim, dona Nívea, a senhora tá fortinha, não?

A turma explode na risada! Com a Expressinho sempre é permitida uma brincadeira, ela não se zanga, é camarada. Exige atenção, responsabilidade nos estudos, só.

– Pois é, a cegonha baixou lá em casa.

– Até que a senhora fica bem assim.

– Muito obrigada pelo elogio. Vamos ver como vai ser o comportamento este ano.

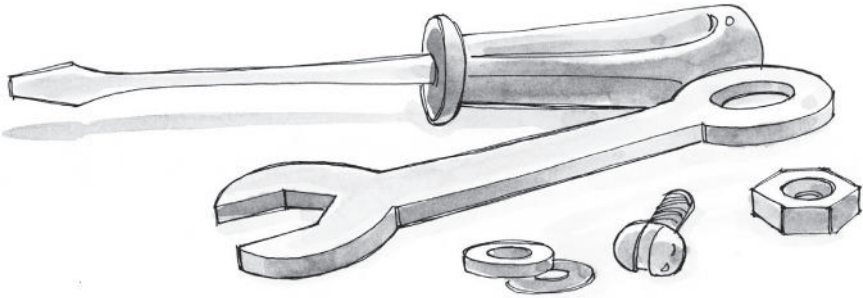
– A situação exige respeito, a senhora não acha?

– Acho sim. O médico aconselhou um certo repouso, pouca amolação... Enfim, espero cooperação.

– Poxa... Mas a senhora não vai abusar da situação, né?

Assim, começa o novo ano da turma que vai cursar o 9º “C”.

2



– Qualquer dia sento na máquina, pego a mochila, ponho nas costas e sigo nova estrada.

– Que lance é esse? Pra onde você vai? Qual é o seu caminho?

– Qualquer um. Talvez acompanhe o sol.

– Bonito mas não funciona. Na primeira esquina o juizado te pega e põe em cana.

– Qual, cara, isso não existe mais.

– Existe sim. O Artur, aquele cara barbudo do 1º ano do Ensino Médio, tem 17 anos e parece ter 25, ficou três dias nas grades, o pai procurando ele por todo este mundo redondo.

– Sério?

– Sim, estava incomunicável. Até que foi reconhecido pelo juiz que é amigo do velho dele.

– Então, onde há liberdade? Nem isso a gente tem?

– É, menor, não.

– Poxa, tou com vontade de me largar, tou cheio de tudo.

– Por quê?! Sua cuca fundiu tanto assim?

– Sabe, a gente quer ser gente, viver a própria experiência... Mas qual, é robô, dá três passinhos pra lá, três pra cá.

– O que aconteceu, cara? Conta logo. Você tem peito amigo aqui, nesta estrutura.

– A história de sempre: preciso estudar, preciso trocar de roupa, cortar os cabelos, as unhas, lavar as mãos, ter modos na mesa e, ainda por cima, participar! Nunca posso ser eu mesmo, nunca! Não me meto com ninguém, não dou palpites. Meu pai ainda prende gravatas com um brilhante. Você sabe o que é isso? Eu não implico, evito até olhar. E ele se mete sempre onde não é chamado, vem toda hora falar que vivo sujo, que preciso me cuidar, que pareço um bicho.

Os dois se olham. De repente, João Paulo desanda a rir...

– É, seu velho tem razão... Você está parecendo mesmo um macaco peludo, com este cabelo.

– Que é isso?! Quem fala! E o seu?

– Não, não é tão grande e nem tão despenteado! O meu, modéstia à parte, tem até um corte bem bacana, veja! Por que você não tenta acertar os tijolinhos um em cima do outro? Corta o cabelo, toma banho. Banho não faz mal a ninguém, até refresca!

– É... vou pensar nesse caso ou na mochila, que me parece ser mais legal. Ir por aí, sem lenço nem documento, como o Caetano Veloso.

– Falar, cantar até que é bacana. Mas, na realidade, no pão com média é que não sei se dá certo, não.

A conversa é animada enquanto vão para casa, depois das aulas. Júlio na deprê, pois na noite anterior, durante o jantar, o costureiro bafafá fora maior. O pai parecia querer desferrar seu nervosismo, devia ter perdido uma causa no escritório. E o velho não sabe perder, principalmente na sua profissão. *Dr. Leone Motta, advogado.* A placa brilha na porta com o nome.

O desacordo começou cedo. Júlio entrou na sala para o jantar como deixara a garagem, onde estivera a maior parte da tarde, lidando com a moto, sujo e despenteado, todo cheio de graxa. Se ia mesmo voltar pra lá, pra que se lavar, trocar de roupa? Isso pertence ao século passado. Agora, quem liga pra todas essas bobagens? O pai, que devia estar azedo, veio logo com a bronca:

– Júlio, faça o favor de se apresentar melhor à mesa, pelo menos mais limpo e penteado.

Júlio sentou no seu lugar e nem te ligo! Estava com fome de lobo, e depois pretendia acabar de consertar a moto. Se não a consertasse, o mecânico cobraria uma nota, que ele naturalmente teria que pagar com a própria mesada.

– Falei com você. É surdo? Ou não quer ouvir?

– Não sou surdo, não. Simplesmente não vejo necessidade de me impressionar.

– Impressionar? Como?! Então seu pai faz uma advertência e você vem com essa... Não quer se impressionar...



O garoto acaba de comer a salada e entra na carne. Eta cozinheira boa essa, faz uma carne assada que só comendo três pra sentir o gosto total.

A mãe se agita na cadeira, as irmãs menores, entre assustadas e divertidas, assistem à cena como quem assiste à televisão. Esperam o desfecho. Quem vencerá? Ele nem dá bola... Para que se amargar com reclamações e implicâncias de coroas? Pra quê?

– Júlio, ou você se lava ou não janta!

Ele come o último pedaço de carne, agarra mais uma fatia, faz um sanduíche, demoradamente, e deixa a sala.

O jantar prossegue, a mãe procurando ajeitar a situação como se nada tivesse acontecido; o pai, nervoso, irritado, comendo sem prazer, e as meninas inquietas.

Depois do jantar, já sem a empregada na sala, o pai explode. Não é possível continuar assim, sem o mínimo de disciplina, de obediên-

cia, de respeito ao ambiente. O mínimo, comer limpo, andar mais arrumado, aqueles cabeludos, os companheiros, é preciso dar um jeito, que a mãe seja mais enérgica, ele que não apareça assim e, se ousar, não entrará na sala, ficará lá pela copa.

– Mas, Leone, você precisa compreender... A gente tem que ter paciência, ele está numa idade crítica.

– Eu sei, compreendo muito bem. Mas sei também que atrás dessa compreensão excessiva, que já chega a ser tolerância, ele vai abusando. Sabe que você não reage e me obriga a calar. Não creio que uma repreensão, certo controle faça mal aos jovens. Eles ainda não estão no uso completo de suas emoções, ainda não se definiram pelo caminho a seguir. É importante que encontrem um orientador, um guia, que sintam perto de si um apoio. Isso é bom para eles, saberem que não estão sós.

– Você tem toda razão. O que não concordo é tratar esse assunto com nervosismo e gritos, explosões de gênio. Então ele reage com malcriações, com indelicadezas, e acaba tomando atitudes das quais depois vai se arrepender, somente para provocar você.

– Eu sei. Você pensa que eu não sei de tudo isso? Que não vejo? Hoje tive um dia difícil no escritório. Chego em casa em busca de paz, sossego, e encontro esse sujeitinho assim.

– Sujeitinho? Ele é nosso filho e está precisando de compreensão, de amor, de diálogo.

– Diálogo? Se mal abro a boca ele vem com pedradas, duas, três.

– Creio que aí está o erro. Logo no início, antes de começar o bate-boca, procure compreendê-lo, conhecer seu ponto de vista.

– Mas, como? Venho cansado, amolado, e ainda tenho que procurar compreender esse menino que se porta como um moleque? Você precisa ver o respeito com que me trata o *boy* do escritório.

– Já vi, é atencioso mesmo. Mas também notei como você o trata. Não grita com ele, grita?

– Não é preciso. Faz tudo como eu quero.

– Certo. Não é preciso porque, já disse, há diálogo. Você não dá ordens secas, pede as coisas por favor, explica bem o que quer e não o critica logo de início. Experimente mudar sua tática com o Júlio. Converse com ele, defenda seu ponto de vista, analisando, discutin-

do calmamente. Ouça o que ele tem a falar, procure se lembrar de sua adolescência. Muitas vezes precisamos nos colocar lado a lado com os jovens, isso é importante, e saber ouvir!

– Qual! Você ainda pensa assim? Dialogar? Fale com ele e ele logo dirá que você é quadrada.

– Pode ser, e então é minha vez de fazê-lo compreender que não sou.

– E de que jeito? Até agora não consegui isso, por mais que me esforçasse. Vejo no rosto dele, nos gestos, no olhar a crítica, mal abro a boca: coroa, quadrado.

– Você quer mesmo saber? Eu procuro não me exaltar, pondo-me de lado para ter uma visão do problema. Nunca me ponho do lado oposto. Há uma solução para o problema e uno-me a ele para encontrá-la. Isso é muito importante para o jovem, se quisermos honestamente orientá-lo. Precisamos ver a paisagem do mesmo ângulo, só assim poderemos acenar mostrando o caminho a seguir.

Dr. Leone silencia meio sério, por detrás das folhas do jornal. São grandes e boas para encobrir seu rosto, e assim ele pode pensar bem na questão sem que outros notem suas lutas. Com quarenta anos, cheio de preocupações com o escritório de advocacia, a responsabilidade pelo sustento e orientação da família, é difícil para ele parar, pensar e talvez ter que mudar. Em lugar de ler, pensa. Lembra-se de sua adolescência, do pai, da educação que recebeu.

As imagens passam em sua mente como um filme na tela, uma após outra. O pai dialogava? Não, nunca. Somente ditava ordens – assim ou daquele jeito. Ele e seus cinco irmãos, todos o seguiam. Pareciam burrinhos puxando a caçamba – iam e vinham.

Dr. Leone perde-se nas suas lembranças, procura lembrar-se de suas reações. De repente, se dá conta de que ele também não gostava da situação. Obedecer sempre, sem se manifestar, sem poder dizer o que sentia e pensava...

“Bem, mas eu não sou assim com o Júlio, ele tem liberdade de falar o que pensa... Só não admito é falta de educação. Ele não quer leis, mas ninguém pode viver sem elas... Mas, quem sabe se Magali está certa, com a razão? Talvez eu, como meu velho, não saiba dialo-

gar. Eu me ponho do lado oposto – ele é filho e eu sou pai. Preciso me libertar da ideia de pai como aprendi com o meu. Para que tanta severidade? Talvez o diálogo desse mesmo certo, abrisse veredas, mostrasse o caminho.”

Dona Magali lê e espera; é necessário que a semente brote na terra, é preciso ter paciência e saber esperar. É o que faz porque entende bem a situação. Também já passou por ela. Somente assim pôde superar mais facilmente a crise. Olha o marido com ternura, imagina que ele deve estar sofrendo. É difícil mesmo compreender a juventude atual com seus anseios, suas ideias e seu modo de ser, tão diferente da juventude do tempo dele.

Os jovens, por qualquer coisa, chamam os pais e os mais velhos de quadrados, de incompreensivos. Basta para isso existir uma pequena diferença no modo de pensar. Mas nem sempre somos os quadrados, temos razão muitas vezes, o mal está na falta de diálogo. Vamos com nossa autoridade e eles se negam a receber ordens.

Júlio, na garagem, termina de consertar sua moto sem muita alegria. Algo o perturba. Por que seu pai procura horas tão impróprias para falar e o trata como criança?

– Foi assim como te conto, Jopa. Fiquei deprê, nem tive mais prazer em trabalhar na máquina. O velho tirou toda minha alegria, tá?

– Pois, cara, eu compreendo de verdade, participo de sua deprê, mas você, palavra mesmo, poderia se esforçar um pouco pra afinar com o velho. Ele deve ter também suas razões. Sei lá, nem tudo o que eles falam é papo-furado. Devem, de quando em vez, defender uma ideia legal, poxa!

– Cara, você tá parecendo minha mãe com essa conversa! Mas, pra falar a verdade, depois, lá na garagem, fiquei pensando, até demais, deu pra esquentar os miolos, sabe?, que talvez ele tenha razão um pouco, sabe? Eu estava mesmo sujo, um pouco demais. E como eu não gosto de ver menina mascar chicle com boca aberta, nhem, nhem, ele também pode não gostar de me ver sujo na mesa. Mas, às vezes, fico com raiva, o nervosismo me cega. Já não sou criança e ele não entende isso.

– É, é um plá danado: a gente de um lado, eles do outro. A minha avó costuma dizer “Eta mundo velho de guerra!”, quando a coisa

não vai bem ou ela não entende.

– Poxa! Mundo velho mesmo! É por isso que ele é redondo, nem quadrado é, ficou assim de tanto rolar.

– E agora, como está a sua novela?

– Acabei de consertar a moto sem gosto, você sabe como é... A gente depois de um bate-boca com o velho sempre se sente mal. Fui direto pro quarto, me joguei na cama e acordei hoje às sete com a campainha do despertador. Dormi com a roupa cheia de graxa, sapatos e tudo o mais.

– E agora?

– Sei lá, vamos ver o que vai dar, tou assim mareado como se tivesse bebido muito uísque, fumado erva, sei lá. Não me sinto bem, sabe?

– Que deprê é essa, cara? Sai dessa.

– De que jeito?

– Ora, só conheço um remédio bom pra essa deprê.

– Qual? Vai, me dá um pouco. É bolinha? É calmante?

– Nada disso, seu. Tenho cara de traficante?

– Não. É que seu pai tem farmácia, então pensei que você tivesse algum calmante.

– Não. Calmante é controlado, não entendo de remédios de farmácia. O que tenho é diferente, você precisa usar ele sempre nessas ocasiões difíceis.

– É tão bom assim? Como chama? Peço pra minha mãe comprar.

– Ele cura grande parte da nossa deprê, me fez sentir muito bem.

– Vamos, Jopa, me dá logo o nome do tal troço, vou marcar no caderno, hoje mesmo vou comprar. Já tou cheio disso tudo, de ver tudo escuro.

– Bem, marque isto na cabeça, bem firme: o nome do tal remédio é bate-papo.

– Quê? Esse é o nome do remédio? Bate-papo? Nunca ouvir falar nele. É novo?

– Não, não é. É bem antigo até, mas dá resultado. Quando vai sair qualquer bafafá com meu pai, minhas irmãs, a gente dialoga, a gente conversa, usa o tal bate-papo.

– Ah! É esse o remédio? Desiludi. Pensei que fosse uma injeção

cara, comprimidos, até bolinhas dessas que põem fogo na gente. Tava pronto pra tudo. Que pena!

– Poxa, Júlio, você fala muito em bolinha. Que é isso, cara, larga pra lá esse assunto. Lava sua cabeça dessa ideia, é perigosa até da gente brincar com ela. Conheço um cara, meu amigo, não dá conta de mais nada. Era estudioso, amigo legal, legal mesmo, daqueles que todos gostam e, de repente, se meteu nessa embarcação, tóxico, e se desviou do mundo. Tomou outros rumos, ficou sem bússola, se perdeu. Me dá pena ver ele assim.

– Mas esse seu remédio é besta, desculpe!

– Besta, por quê? Você já pensou nele? No diálogo? Ele funciona, sabe, dá certo. A gente fala, o outro explica, ninguém precisa brigar, não se chateia. É bacana mesmo!

– Bacana? Como você aguenta ouvir os pontos quadrados dos velhos?

– Qual nada, amizade! Explicando sai cada plá gostoso, a gente pode até varar a noite assim. Outro dia, eu, o Lucas, meu primo e meu pai entramos numa onda, você quer saber? Chegamos a desligar a televisão, perdemos um encontro e fomos até às duas da manhã, conversando.

– O que vocês falavam?

– Sabe, nossos pontos de vista. Meu pai disse que ia contar a juventude dele – e a gente fazia comparação com a nossa –, aquilo que ele pensava, como agia, como era o relacionamento com os velhos dele.

– E daí? Tudo muito quadrado, não?

– É o que você pensa, Júlio. Mas foi bacana. A gente fez o jogo da verdade, sabe? Ninguém mentiu e não enganou ninguém. Foi bacana mesmo.

– Poxa, só de pensar eu sinto enjoo. Ouvir o velho contar seu passado. Mas o que o seu contou, hein? Garanto que ele era tonto, nunca fez nada de errado, obedecia pai e mãe. Coroa na cabeça cheia de estrelinhas, não é?

– É o que você pensa. Pois, olhe, foi legal, ele contou tudo, seus problemas com o pai, como ele fugia de noite pra se encontrar com

os amigos da turma. Mas o avô era durão, sabe? Mandava mesmo, e o velho já estava na faculdade, no segundo ano de Farmácia.

– Poxa! E ele precisava fugir?

– Pois é, os tempos eram outros. Até eu acho, depois desse bate-papo, que meu pai é bacana, legal, ele conseguiu superar a educação que recebeu do meu avô. Se ele fosse quadrado como eu pensava, ele não deixava a chave comigo pra eu entrar mais tarde no sábado. E até aquela noite ele dividiu comigo uma dose de uísque escocês, sabe?, do bom! Ele serviu.

– Poxa, bacana não?

– É bacana mesmo. O Lucas gostou muito. Ele tinha uns problemas, sabe, mas desses que fundem a cuca. Estudos, brigas com o professor de Ciências, mesada, tudo isso a gente falou, disse o que pensava. Foi bacana. Eu também estava na hora de explodir a bomba. Pois o diálogo afastou os ponteiros e começamos tudo de novo.

– Não vou nessa, não. Meu velho é advogado, vem com sua sabedoria por cima de mim e eu saio perdendo. Além de tudo, se ele conhecer meus podres todos, poxa!

– Deixa pra lá. Experimente o negócio, vale a pena. Quando ele vier com gritos, você entra com seu joguinho. Converse, não responda batendo porta ou gritando, responda, mas com voz baixa, ele escuta. A primeira resposta tem que ser boa, sabe? Como dizer? Educada, pra ele se acalmar...

– O velho vai levar até um susto.

– Vai sim, e você também. A gente está acostumado com a tempestade, o trovão, e a onda sobe mansa! É diferente, amigo.

– Mas dá certo? Você garante? Vou tentar, eu já estava é pensando numa erva.

– Escuta aqui, Júlio, você fala tanto em erva... Anda metido nisso? Cuidado, cara, ela é pior que todas as encrencas juntas. Não é remédio, não, é vício, isso sim. É a maior deprê que a gente pode cair.

– Deixa pra lá, Jopa. É conversa pra desabafar. Você fica preocupado à toa, deixa pra lá.

– Júlio, experimenta meu remédio uma vez só, antes de fazer outro programa, tá? Você vai gostar da transa. Tchau.

– Tchau, Jopa!